

PERPLEXIDADES E PERSPECTIVAS DA LINGÜÍSTICA NA VIRADA DO MILÊNIO¹

PERPLEXITIES AND PERSPECTIVES IN THE NEW MILLENIUM LINGUISTICS

Luiz Antônio Marcuschi (UFPE/CNPq)

Abstract: This article analyses Linguistics development through the 20th century, departing from the bases of European Structuralism theories to Chomsky's generative program, considering Bakhtin's Russian Linguistics as a 'discursive configuration' to this science. It also investigates Pragmatics development as an asset to linguistic theories in the 60s and 70s, but focuses on Cognitive Sciences, especially social cognition as a major field of prospective evolution for 21st century Linguistics..

Key-words: Cognition, Pragmatics, Linguistics.

1. Ponto de partida e pano de fundo

Tornou-se hoje lugar comum dizer que a Lingüística consolidou-se como ciência no decorrer do século XX. Particularmente a partir da posição teórica firmada por Ferdinand de Saussure (1859-1913) com seu famoso *Cours de Linguistique Générale*, do começo do século, em edição póstuma de 1916 e hoje sob suspeita de não retratar suas idéias com fidedignidade². Nesse início, tratava-se de instaurar um novo paradigma epistemológico de investigação em oposição ao modo de fazer ciência do século XIX. O projeto inaugurado por Saussure incorporava o melhor da época e ao mesmo tempo superava a Lingüística Histórica e Comparatista já exaurida no modo como vinha sendo praticada. Com isso, ele derivava pela análise formal, privilegiando o sistema e o significante arbitrário com valor representacional, originando o que podemos chamar de '*lingüística do significante*'. Saussure concebia a língua(gem) como um **fenômeno social**, mas analisava-a

¹ Originalmente apresentado na *VI Semana de Letras*. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 10-12 de fevereiro de 2003. Agradeço ao CNPq a bolsa com a qual realizei este estudo integradamente à análise dos trabalhos sobre *referenciação* (CNPq, proc. 523612/96-6).

² Refiro-me aqui em particular ao livro publicado em português: Ferdinand de SAUSSURE. 2004. *Escritos de Lingüística geral*. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler, com a colaboração de Antoinette Weil. São Paulo: Editora Cultrix. (A edição original em francês é de 2002.)

como uma entidade formal. Diante disso, pode-se dizer que Saussure inaugura, na Lingüística, uma nova “*configuração discursiva*”.³

Meio século depois, com Chomsky, a linguagem era concebida como um **fenômeno mental** e analisada como uma entidade neurobiológica instalada no cérebro, com propriedades formais. O paradigma computacional surgia como modelo de representação formal e, com isso, dava-se uma nova “*configuração discursiva*” pós-saussuriana. Eram dois formalismos diferentes: um estruturalista e outro mentalista. Contudo, tanto Chomsky como Saussure deixaram de lado o indivíduo, a sociedade, a história e a interação, mas de formas diferentes e com conseqüências diversas. Hoje é possível ver essas conseqüências, mas não é a isto que me dedicarei aqui.

Neste ponto, parece imprescindível, mesmo que rapidamente, fazer menção a Mikhail Bakhtin (1895-1975) & Voloshínov⁴ que na obra “*Marxismo e Filosofia da Linguagem*”, original de 1929, desenvolviam uma análise sob muitos aspectos similar à que gostaria de oferecer nesta exposição. A posição do círculo bakhtiniano é clara em rechaçar tanto a noção de língua fundada na forma objetiva como na subjetividade pura. Bakhtin descarta tanto o subjetivismo individualista como o objetivismo abstrato, para adotar a noção de atividade e de dialogicidade ou **sócio-interação**. Para ele, a linguagem é de natureza sócio-ideológica,⁵ havendo entre linguagem e sociedade relações

³ Neste sentido, concordo com Simon Bouquet (1997) para quem a posição epistemológica de Saussure era muito mais refinada e sutil do que Bally & Sechehaye deixaram transparecer na asséptica e homogeneizante edição do *Curso*. Segundo Bouquet (p.15): “o texto de Bally e Sechehaye reflete uma teoria da ciência que não é a de Saussure”. Apesar de verdadeira esta posição, a fortuna da obra foi outra. Não vou me ater a essa importante questão para me dedicar apenas ao que ocorreu no século XX em função dessa obra fundadora.

⁴ Hoje em dia há uma convicção bastante sólida de que essa obra **não** é de Bakhtin e sim de Volochínov. Como a obra que cito tem o nome de Bakhtin, deixo esta ressalva para posterior correção. Toda vez que falo em Bakhtin referindo-me a esta obra, entenda-se “**círculo bakhtiniano**”.

⁵ A tese central de Bakhtin quanto à sua concepção de linguagem está expressa nesta afirmação: “a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica e isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua” (Bakhtin, 1979:109). Em suma: “A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema lingüístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes” (p.110).

dinâmicas e complexas que se materializam nos enunciados constituídos em discursos. Trata-se de uma terceira via de “*configurações discursivas*” na Lingüística do século XX, mas que só se consubstanciaria nesta forma no final do século, pois Bakhtin é um ‘*outsider*’ na lingüística, por ser um filósofo.

Para Bakhtin, o *objetivismo abstrato* é de caráter formal e suas características básicas são uma orientação lingüístico-filosófica racionalista proveniente dos séculos XVII (Descartes, Escola de Port-Royal e Leibniz) e do Século XVIII (idéias de uma gramática universal). Representantes dessa linha seriam, entre outros, W. Leibniz e Ferdinand de Saussure, que consideram a língua como um sistema de formas lingüísticas abstratas para a análise sincrônica do sistema.⁶ Já o *Subjetivismo individualista* ou *idealista* é de orientação lingüístico-filosófica situada no romantismo, tendo como representantes: W. Von Humboldt; K. Vossler, Leo Spitzer; Benedetto Croce.⁷ A crítica de Bakhtin aos dois tipos de análise coincide apenas parcialmente com o que eu critico aqui. Contudo, parece viável fazer uma analogia entre o que eu identifico como *estruturalismo formalista*⁸ (objetivo, de linhagem saussuriana) e *mentalismo formalista* (interiorizado, de linhagem chomskiana) com o que Bakhtin caracterizava como *objetivismo abstrato* e *subjetivismo idealista*. O curioso é que estas posições são recorrentes como herança da filosofia grega representada pelos paradigmáticos Aristóteles e Platão. Mas devemos ter claro que Humboldt e Chomsky têm pouquíssimo em comum além da idéia de que a linguagem é uma entidade mental.

Em contraposição à visão sócio-interacionista de Bakhtin, com Saussure e Chomsky, o sistema ocupa todo o espaço das reflexões e o discurso fica em segundo plano. As atividades lingüísticas e as relações sócio-interativas não entram em cogitação nesses autores. Esta é uma das

⁶ Para Bakhtin, “a separação da língua de seu conteúdo ideológico constitui um dos erros mais grosseiros do objetivismo abstrato.” (p. 82),

⁷ Bakhtin rechaçava esta posição dizendo que “a teoria da expressão subjacente ao subjetivismo individualista deve ser completamente rejeitada. O centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo. [...] A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade lingüística.” (p. 107).

⁸ Embora me expresse seguidamente contra o estruturalismo saussuriano ou diga que ele foi estruturalista, é bom recordar que Saussure nunca usou a expressão “estrutura” nem fez desse aspecto uma pedra angular de seu sistema lingüístico. Para Saussure o que conta é a forma e não a estrutura.

grandes *perplexidades* legadas pela “Lingüística oficial” do século XX ao século XXI e na sua solução residem algumas das *perspectivas* mais interessantes gestadas em estágio embrionário no último quartel do século. É a isso que vou me dedicar nesta exposição.

2. Um panorama do legado do século XX

Antes de iniciar de modo sistemático a abordagem, devo esclarecer que o tema, tal como formulado no título, é ambicioso e vago como acontece com todas as macrovisões. Portanto, o máximo que aspiro fazer aqui é explicitar algumas das coordenadas da reflexão sobre o assunto e assim mesmo de uma perspectiva talvez idiossincrática, pois este é um tema tipicamente adequado para um simpósio em que várias cabeças podem debater as variadas facetas. Assim, tome-se esta análise como **uma** entre as muitas possíveis, e sequer a mais interessante. O certo é que a reflexão cabe, faz sentido e precisa ser iniciada. Pois de uma coisa eu estou plenamente convencido: uma das tarefas mais importantes neste início de século é a renovação da reflexão sobre os fundamentos epistemológicos de nosso fazer científico. No caso da Lingüística, isso se torna particularmente relevante por se tratar de um fenômeno que permeia todas as atividades humanas, como dizia Bakhtin, e exige uma reflexão sistemática e consistente. Mais do que um feito do ser humano, a língua(gem) deveria ser vista como **constitutiva** do ser humano e do mundo que os humanos constroem para nele viverem e seu mote mais emblemático nos dias de hoje deveria ser o sócio-interacionismo.

Ninguém mais duvida hoje que o projeto saussuriano, mesmo na versão positivista legada pelos seus alunos,⁹ inaugura um novo modo de fazer Lingüística em relação ao comparatismo e ao historicismo que o precederam, interrompendo uma parte importante da caminhada que durava desde o século XVII. Mesmo que Saussure tenha incorporado uma série de postulados interessantes dessas correntes teóricas, ele inova na observação. Pagou, no entanto, um preço bastante alto ao sufocar sensivelmente o sujeito, a sociedade, a história, a cognição e o funcionamento discursivo da língua, a fim de obter um objeto asséptico e controlado criado pelo “ponto de vista” sincrônico e formal. Este

⁹ Volto a frisar que uma revisão de Saussure com maior detalhe do que já se fez até aqui poderá mostrar que há mais equívocos do que se imagina nessa questão e talvez o próprio Bakhtin tenha sido vítima dessa armadilha dos discípulos de Saussure e de modo mais acentuado, já que na época de Bakhtin não havia as reflexões que hoje se fazem a esse respeito. Portanto, é bom relativizar algumas das observações aqui feitas.

drástico reducionismo na visada talvez não tenha estado na intenção da proposta saussuriana como se tenta hoje demonstrar na revisão que dele vem sendo feita (Bouquet, 1997), mas foi um de seus resultados notáveis. *Malgré cela*, em Saussure já estão renunciados muitos dos desmembramentos da Lingüística, para além da aplicação do *cânone aristotélico* no fazer científico. Inclusive muitas atitudes posteriores da Análise do Discurso.

O quadro epistemológico saussuriano vigorou para além de meados do século XX,¹⁰ inclusive na América do Norte, onde paralelamente se instalara a perspectiva bloomfieldiana, similar à de Saussure, mas filosoficamente menos elaborada. Pois é de ressaltar a qualidade da reflexão filosófica em Saussure, o que não ocorria em Bloomfield, um behaviorista desprezioso. Mesmo a contragosto do autor, as propostas saussurianas e suas derivadas culminaram num estruturalismo formal que levou a ignorar uma série de aspectos hoje considerados centrais na investigação lingüística. Em especial, ignorou-se quase tudo o que estava ligado à semântica, à pragmática e historicidade.

O que se constata é que a base epistemológica da Lingüística dita científica e oficial do século XX foi uma adesão significativa ao modelo aristotélico-galileiano de ciência com tendências positivistas. Um modelo que se esvaziou no final do século deixando muitas perplexidades nas Ciências Humanas. Assim, creio que uma das tristes heranças do século XX foi a insuficiência explicativa e o reducionismo decorrente do projeto formalista. Depositou-se na visão formal da língua uma expectativa exagerada que não deu os resultados esperados pela limitação e reificação do objeto construído para análise. Hoje, percebe-se que, ao invés da linguagem e seu funcionamento, a proposta formalista analisou um **simulacro**. Não se trata de recusar a forma e dar um privilégio à função, à ação, ao social e ao histórico, mas de harmonizá-los.

O final do século XIX fora marcado por intensas análises da natureza da ciência e pelo debate sobre os fundamentos epistemológicos da investigação científica. Reativava-se a discussão a respeito do objeto científico e tentava-se resolver a tensão entre o particular e o universal, decidindo que a ciência não podia ser do particular e sim do universal. Isto decretou a já lembrada postura formalista por um lado, mas

¹⁰ Por incrível que pareça, ainda hoje, e não só no Brasil, a maioria dos estudos de Lingüística iniciam com a leitura sistemática da vulgata saussuriana. Basta analisar a bibliografia existente para constatar que o *Curso de Lingüística Geral* do lingüista genebrino figura quase que obrigatoriamente em todas as listagens.

instaurou uma perspectiva neo-empirista por outro. E todo o século XX viveu da tensão entre entes dois pólos: o formal e o empírico. No entremeio surgiram vozes altamente dissonantes que podemos personificar na controversa figura de Wittgenstein e toda a Filosofia Analítica decorrente que teria feito melhor se não tivesse anulado os problemas filosóficos e sim instaurado um novo tipo de problemas. Aliás, em parte foi o que ocorreu até contra a vontade dos seus proponentes. E hoje vivemos em boa medida dessas inspirações ou conspirações, salvo engano.

É inserido no quadro histórico de seu tempo que Saussure instaura uma série de dicotomias para definir o objeto da Lingüística, sendo uma delas fundante e decisiva, isto é a distinção entre *langue* e *parole*. A *parole* era a visão da língua no plano das realizações individuais e a *langue* a visão da língua no plano do sistema social. De igual modo procedeu Chomsky ao distinguir entre *competência* e *desempenho* em que o primeiro era o plano universal, ideal e da espécie (mas não social e sim instalado geneticamente), sendo o segundo o plano individual, particularístico e exteriorizado. Para Chomsky, o objeto da ciência só poderia ser a *competência*, assim como a *langue* o era para Saussure. Central é a forma, o sistema, a abstração e o universal como objeto da ciência controlada. Aqui, a língua enquanto atividade social e histórica, bem como a questão da produção e compreensão textual e as atividades discursivas em geral são relegadas a um segundo plano. O social e histórico nada tem a fazer na lingüística, decretava Chomsky.

O estruturalismo saussuriano voltava-se para a análise do sistema da língua como um conjunto de regularidades que subjazem à língua enquanto interioridade e forma, sendo que a variação ficava por conta das realizações individuais e externamente motivadas. A forma era a convenção social, e a realização era o plano da fala individual que poderia variar enormemente e não poderia ser o objeto de uma análise controlada. Esta posição de Saussure teve grande influência, mas não foi a única visão de lingüística na primeira metade do século, pois o século XX é multifacetado, sobretudo na segunda metade, embora se verifique uma certa polarização em torno do projeto saussuriano, se é possível falar assim.

Outras vertentes bastante influentes foram a *Escola de Praga* com Nikolai Trubetskoy (1890-1938) e Roman Jakobson (1896-1982); a *Escola de Copenhague* com Louis Hjelmslev (1899-1965) bem como a *Escola de Londres* com John Firth (1890-1960). Todos estes e vários outros

lingüistas europeus dessa época levaram adiante projetos e estudos lingüísticos que não foram estritamente formais (e estruturalistas) no sentido saussuriano, tendo grande atenção para os aspectos funcionais, situacionais e contextuais ou comunicacionais no uso da língua, não se concentrando apenas no sistema. Veja-se o caso de Michael A. K. Halliday (*1925...) que segue a posição de Firth, mas amplia suas linhas de observação para o plano do texto na sua relação com o contexto, desenvolvendo reflexões sistemáticas a respeito do funcionamento do sistema na sua relação com o contexto situacional. Surge daí a influente posição a partir dos anos 70, denominada “gramática sistêmico-funcional”, que propõe um funcionalismo baseado em formas regulares relacionando contexto social e forma lingüística com base nas funções da linguagem e na sua realização nos mais variados registros e gêneros textuais.

O estruturalismo americano distinguiu-se do europeu e teve uma variedade ainda maior de direções. Uma tradição forte ali foi o casamento da lingüística com antropologia desde Franz Boas (1858-1942) passando por seu aluno notável Edward Sapir (1884-1939) e o discípulo deste último, Benjamin Lee Whorf (1897-1941), que juntos deram uma orientação mais antropológica à lingüística com temas que iam além da descrição formal da língua, gerando a famosa “*hipótese Sapir-Whorf*” conhecida como o **relativismo lingüístico**, enquanto tentativa demonstrar a relação entre linguagem e pensamento na perspectiva das representações sociais ligadas às línguas e etnias, visão que se filiava a Humboldt. Destas vertentes derivam a Antropologia Lingüística, a Etnografia da Fala, a Etnometodologia, a Sociolingüística e outras linhas tal como a Análise da Conversação.

Ao lado destas tendências, vigorou na análise lingüística, de forma bastante soberana Leonard Bloomfield (1887-1949), cuja obra ***Language*** (1933) teria muita influência entre os lingüistas estruturalistas até a chegada de Chomsky no final do anos 50. Bloomfield passava ao largo dos fenômenos cognitivos e postulava o que se chamou de behaviorismo que seria superado logo após os anos 60. Uma das características da lingüística bloomfieldiana foi sua pouca atenção para os fenômenos semânticos da língua e sua tentativa de produzir um sistema de análise notadamente dedutivista fundado nas formas.

Segundo observa Monika Schwartz (1992:11), citando Knapp, podemos dizer que o século XX divide-se em duas metades muito nítidas: até o final dos anos 50, dominou o behaviorismo e o empirismo,

sendo que a partir dos anos 60 até agora foi se acentuando cada vez mais o domínio do cognitivismo.

Assim, a partir dos anos 60, a cena lingüística em plano internacional passa a ser dominada pelo gerativismo americano de Noam Chomsky (*1928...). Dele provém grande parte dos estímulos da lingüística atual em muitas direções e entre elas a *agenda cognitiva*, como notado pelo próprio autor (1994:58).¹¹ Segundo Chomsky (1994:23), com a gramática gerativa, “o objeto de investigação deixou de ser o comportamento lingüístico ou os produtos deste comportamento para passar a ser os estados da mente/cérebro que fazem parte de tal comportamento”. A linguagem passa a ser concebida como uma *faculdade mental inata* instalada no “equipamento biológico” e não como um fenômeno social; a Lingüística passa a ser concebida como o estudo da língua internalizada e “torna-se parte da psicologia e, em última análise, da biologia” (p. 46). Com isto, a Lingüística deveria ser “incorporada nas ciências naturais” (p. 46) na medida em que se conseguirem instrumentos abstratos e formais de análise desses fenômenos mentais (Chomsky, 1994:41-54).¹²

¹¹ “A mudança de ponto de vista [estruturalista de análise] para uma interpretação mentalista do estudo da linguagem foi [...] um fator que contribuiu para o desenvolvimento das ciências cognitivas contemporâneas. [...] Surgiram muitos problemas novos e desafiadores, ao mesmo tempo que desapareceram inúmeros problemas conhecidos quando considerados nesta perspectiva.” (1994:58)

¹² Em sua obra original de 1986, da qual usamos aqui a tradução de 1994, *O Conhecimento da Língua, Sua Natureza, Origem e Uso*, Chomsky nos dá as definições ainda hoje mais importantes para entendermos com clareza seu projeto geral. Para o autor, “a gramática generativa mudou o foco de atenção do comportamento lingüístico real ou potencial e dos produtos deste comportamento para o sistema de conhecimento que sustenta o uso e a compreensão da língua e, mais profundamente, para a capacidade inata que permite aos humanos atingir tal conhecimento” (p.43). Assim, “uma gramática generativa não é um conjunto de asserções acerca de objectos exteriorizados construídos de uma determinada maneira” (p.43). Para Chomsky, a exterioridade lingüística, os usos e as línguas naturais não são objetos interessantes para a Lingüística (p.45). Contudo, creio que devemos fazer justiça a Chomsky, já que ele abre portas para o estudo de outras questões quando lembra que “o estudo da linguagem e da GU, conduzido no quadro da psicologia individual, admite a possibilidade de o estado de conhecimento atingido poder ele próprio incluir algum tipo de referência à natureza social da língua” (p.38). O autor aponta as observações de H. Putnam com sua teoria da “divisão do trabalho lingüístico” que mostra como o trabalho lexical na sociedade é dividido e não se pode prescindir de *experts* neste caso. E então lembra que “outros aspectos sociais da língua podem ser vistos de maneira idêntica – embora com isto não se pretenda negar a possibilidade ou valor de outros tipos de estudos sobre a língua que incorporem a estrutura social, bem como a

Nesta perspectiva epistemológica, o que está em jogo em primeira instância não é a análise de línguas nacionais nem suas exteriorizações ou vinculações com a cultura e a sociedade e sim a mente humana e seus princípios gerais, a faculdade da linguagem inata e seu funcionamento como base para a aquisição de qualquer língua. A lingüística seria a análise desses princípios gerais inatos e o seu maior desafio é, para Chomsky, essencialmente este:

O estudo da estrutura da língua, tal como é atualmente praticado, deveria eventualmente desaparecer como disciplina, à medida que novos tipos de evidência vão ficando disponíveis. Só deveria permanecer distinto porque o seu objeto é uma faculdade particular da mente, em última instância o cérebro: o seu estado inicial e os vários estados de maturação que pode atingir. (1994:55).

O preço pago por Chomsky para implantar esta perspectiva foi a eliminação de todos os estudos ligados à vida social da linguagem, isto é, a pragmática, a sociolingüística, a interação verbal, o discurso etc., ligados ao uso, funcionamento ou desempenho lingüístico. Para Chomsky, a fonte de dados não é a produção empírica e sim a introspecção do analista. Contudo, não se deve ver Chomsky como um teórico fincado num quadro teórico monolítico e imutável, pois há uma permanente mudança e evolução em seu modelo teórico. No futuro, tenho certeza que as avaliações mostrarão que seu estímulo foi mais produtivo que o saussuriano. Mesmo para quem não o segue ou dele discorda, as reflexões chomskianas são um ponto de partida obrigatório hoje em dia e, em certo sentido, **a agenda lingüística do momento é bastante ditada pelas linhas mestras do gerativismo**. Não no sentido de seguir a teoria, mas de situar e identificar os problemas que ali se levantam e que o gerativismo está incapacitado de resolver até porque não se interessa por eles.

Assim, alguns temas que nunca foram bem tratados voltaram hoje à ordem do dia, tais como a questão da origem da linguagem e a natureza da mente humana. A natureza dos dados lingüísticos e a necessidade de uma definição de língua-linguagem, sujeito e sentido.

interação social. Contrariamente ao que por vezes se pensa, nesta ligação não surgem conflitos nem quanto aos princípios, nem na prática” (p.38). Observações neste sentido podem ser vistas em marcuschi (2000).

Busca-se hoje a completa superação do behaviorismo e ao mesmo tempo a não entrega a um mentalismo radical como o de Chomsky. Evita-se a visão estruturalista e a descrição estritamente formal. Adere-se a visões funcionais, mas sem uma crença em determinismos externos. Neste percurso, o século XX acabou legando uma série de perplexidades e a partir delas um conjunto de tarefas urgentes.

Os meados do século XX não foram apenas o ponto de partida da nova perspectiva vigorosamente levantada por Chomsky, mas também o ponto de maturação do que se convencionou chamar de “*virada pragmática*”. Nesta perspectiva analisam-se muito mais usos e funcionamentos da língua em situações concretas sem dedicação à análise formal. É a passagem da análise da forma para a função sócio-comunicativa e o enquadre cognitivo. Sabemos que as línguas são empregadas no dia-a-dia das mais variadas maneiras e não de forma rígida. Os estudos pragmáticos tentam esclarecer como se dá essa produção de sentidos relacionados aos usos efetivos: o sentido se torna algo situado, negociado, produzido, fruto de efeitos enunciativos e não algo prévio, imanente e apenas identificável como um conteúdo.

A **pragmática**¹³ é uma perspectiva de estudos que partilha grande número de relações com várias áreas da lingüística¹⁴ e

¹³ Para se ter uma boa noção, mesmo que sucinta mas rica do enorme alcance da pragmática e sua diversificação quanto a temas e abordagens, veja-se Jacob Mey. 1993. *Pragmatics: An Introduction*. Oxford/Cambridge:Blackwell. E, ainda do mesmo autor, o ilustrativo elenco de temas no recente livro *As Vozes da Sociedade. Seminários de Pragmática*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. Creio que Mey (2001:31ss) capta com precisão toda discussão até aqui feita quando diz que em Saussure nada haveria de errado em sua concepção de comunicação se não tivesse sugerido que o “usuário é desregrado” e se não tivesse esquecido que há um “ouvinte”. A rigor, a boa metáfora de Mey diz que a pragmática não tinha vez no sistema saussuriano. Daí o grito de guerra saussuriano que no dizer de Mey seria “*a estrutura a qualquer custo.*” (p.35). Parece que o grande problema da lingüística tanto para Saussure como para Chomsky é que há sociedade e história. Sem elas seria tudo mais fácil no estudo da língua.

¹⁴ Acredito que a **pragmática** é compatível com alguns tipos de Análise de Discurso, em especial algumas tendências da ADF, se tivéssemos uma definição mais clara dos conceitos trabalhados. Veja-se que a ADF não pode negar a noção de contexto nem a noção de cognição e intencionalidade, embora não trabalhe com elas. Já a Análise do Discurso Crítica (ADC) opera com a maioria destes conceitos por não ter a idéia de ‘sujeito assujeitado’ e não estar atravessada pela psicanálise. Concordo, no entanto com Eni Orlandi em vários de seus estudos que a visão psicologizante dos estudos pragmáticos com um sujeito intencional e sem inconsciente é um problema para os estudos pragmáticos. Seja como for, não creio que as mais diversas ADs que forem propostas possam se dar bem no futuro se não incorporarem algum tipo de pragmática.

seguramente merecerá ao longo deste século XXI atenção sistemática mais detida do que recebeu no século passado. É no quadro da pragmática associada a postulados de outras áreas que se mostra que a linguagem não é transparente e que as intenções não são dados empíricos. Ao lado da pragmática, apontaria ainda a já lembrada **lingüística cognitiva** como a linha de trabalho que deverá constituir boa parte da agenda dos trabalhos lingüísticos do século XXI como se verá adiante.

Interessante não esquecer, nesta breve revisão geral da espinha dorsal do desenvolvimento da lingüística no século XX, que é a partir dos anos 50-60 que surgem todas as chamadas “*tendências bifenizadas*”, isto é, as denominações disciplinares do tipo **Lingüística de Texto, Análise do Discurso, Análise da Conversação, Sociolingüística, Psicolingüística, Etnografia da Comunicação, Etnometodologia** e assim por diante. Por outro lado, o século XX, em especial no seu final, experimentou uma série de novas orientações e perspectivas ligadas aos avanços tecnológicos e hoje se enfrenta o desafio de entender os usos lingüísticos no ainda desconhecido campo da **comunicação digital** e nas **interações virtuais**.

Portanto, não obstante a impressão da hegemonia de um projeto formalista na perspectiva do tripé Saussure, Bloomfield, Chomsky, deve-se admitir que a Lingüística do século XX foi multifacetada e plural. Teve uma imensa quantidade de desdobramentos, mas não é conclusiva e lega ao século XXI sérias questões não bem-analisadas e que ainda merecem aprofundamento.

3. O panorama no final do século XX

Muitos dos problemas a que o século XX se dedicou ficaram insolvíveis e o seu legado, apesar de grandemente positivo em alguns casos, especialmente nas investigações formais, foi bastante negativo em outros e com resultados pouco animadores.

Uma radiografia bastante breve dos estudos lingüísticos mostra alguns desmembramentos muito nítidos no século XX, que resumidamente poderíamos caracterizar do seguinte modo:

- a) a identificação do objeto da lingüística como sendo as formas representadas pelo sistema que se daria como uma abstração, resultando daí um grande conjunto de dicotomias, a maioria

Sírio Possenti (1996) já pensava desta forma, embora com outros argumentos. Mas cuidado! Possenti ainda acha que a pragmática é o inimigo número 1 da ADF.

- delas ainda hoje em vigência; aqui construíram-se os grandes modelos de análise e descrição do fenômeno lingüístico em seus níveis e com suas unidades internas; era um trabalho imanente e ligado à estrutura; trata-se da fortuna do modelo saussuriano;
- b) a guinada pragmática, num primeiro momento vinda de fora, em especial da Filosofia da Linguagem de natureza analítica, oferecendo novos paradigmas de análise da língua como forma de ação, mas sem atingir a lingüística como um todo; introduzia, contudo, a preocupação com a produção efetiva; teve início aqui uma discussão sobre a natureza da linguagem e se de fato a perspectiva formal daria ou não conta do tratamento da língua como “forma de ação”;
 - c) a percepção e a identificação da variação social a perspectiva sócio-interativa e a visão discursiva trazem grande quantidade de novos elementos e uma real oxigenação à Lingüística com a Sociolingüística, a Etnografia da Comunicação, a Análise do Discurso, a Lingüística de Texto, a Análise da Conversação, a Psicolingüística e uma série de outras perspectivas em que se nota a presença da interdisciplinaridade e na observação da linguagem em funcionamento; era uma tentativa de ir além da pragmática filosófica;
 - d) a afirmação do “*compromisso cognitivista*”, nos meados do século, trazia a preocupação com a natureza da linguagem sob o ponto de vista de seu estatuto cognitivo; a preocupação com a atividade referencial, o problema da cognição, da significação e todos os demais envolvidos nesta área; fortes influências da investigação computacional, da psicologia cognitiva e de outros campos como a neurologia levaram a vários caminhos neste sentido e hoje, provavelmente, devemos considerar o **desafio cognitivo** como a maior perplexidade da lingüística contemporânea, tendo em vista que se trata de uma determinação tanto interna como externa da língua e aqui não se pode mais ser dicotômico nem formal ou funcional simplesmente.

É evidente que estes quatro focos são uma forma de sistematizar e reduzir o grande e rico percurso da lingüística no século passado a um pequeno punhado de aspectos, mas isto mostra uma renovação nos temas e nas perspectivas de maneira exemplar. Mostra também que apesar de tudo a Lingüística no século XX não foi simplesmente

estruturalista nem gerativista, mas muito mais matizada e rica em perspectivas.

Percebe-se com alguma clareza que **o projeto científico da Lingüística no século XX derivou da forma para a cognição**. De um aspecto imanente a outro aspecto não imanente, mas interno, mental. Aliás, o termo cognição neste momento não designa algo consensual. Se observarmos o último número da revista **Cognitive Linguistics** (13,3:2002)¹⁵, notaremos a nova polêmica quanto a aspectos centrais da cognição na abordagem da metáfora. A indagação ali é: de que natureza é o experiencialismo corporal e em que medida ele conduz a uma concepção de *linguagem encarnada* (*embodied language*), tal como defendida por Lakoff & Johnson, sem cair num grosseiro *empirismo*?

De fato, um aspecto ao qual retorno mais adiante, e um dos problemas ao qual a reflexão no século XXI se voltará é a questão de como a experiência entra na linguagem (talvez o problema orwelliano identificado por Chomsky) sem que tenhamos de aderir a um paradigma dualista de mente/corpo. Em rigor, imagino que um dos temas centrais do século XXI será dar uma resposta à questão da natureza da linguagem. Creio que as diversas tendências de análise do discurso e análises pragmáticas ocuparam-se em excesso com noções como sujeito, ação, interação e outras, sem atentar com maior detalhe para a cognição e esta por sua vez ficou demasiadamente mentalista. Atrevo-me a dizer que um dos aspectos mais descuidados pelas ADs em geral foi a cognição¹⁶ por imaginarem que se tratava de uma questão individual, mas

¹⁵ Refiro-me aqui à polêmica gerada pelo trabalho de Marina RAKOVA (2002), bem como a resposta de Mark JOHNSON & George LAKOFF (2002) e de Chris SINHA (2002), todos empenhados em discutir as bases filosóficas de uma teoria das *metáforas conceituais* como ligadas ou não à experiência corporal. Rakova nega sustentação filosófica à tese central de Lakoff/Johnson de que o experiencialismo ofereça uma explanação bem fundada para a estrutura da organização conceitual, ou seja, nega que as metáforas conceituais tenham sua base na experiência corporal e que a metáfora seja a corporificação da linguagem. O argumento de Rakova é que a aceitação de esquemas imagéticos cinestésicos ou de encorpamento conceitual exige um *empirismo extremo*, o que já se evidenciou como inadequado em outros contextos filosóficos. Para Lakoff & Johnson, no entanto, Rakova confunde indevidamente a idéia do ‘realismo corporificado’ com um ‘empirismo extremo’. Na realidade, o que aqui retorna é a velha questão do realismo e empirismo e das discussões centrais da filosofia ocidental desde Platão e Aristóteles até hoje.

¹⁶ Por uma questão de justiça, devo dizer que um dos analistas de discurso mais consistentes no trato da cognição desde cedo, há mais de duas décadas, é Teun VAN

hoje se sabe que a cognição é um fenômeno social e não individual. Contudo, aqui se deve ter muito claro que nenhuma reflexão sobre cognição está se unindo a noções psicanalíticas, o que cava o profundo fosso entre a ADF e os estudos cognitivos em geral.¹⁷

4. Algumas perplexidades no limiar do século XXI

Em estudo de 1990, publicado no primeiro número da revista *Cognitive Linguistics*, George Lakoff pontuava alguns aspectos metodológicos das Ciências Cognitivas e lembrava que a última metade do século XX foi marcada por dois compromissos bastante distintos:

- a) o **compromisso gerativista** que via a língua como um sistema homogêneo e autônomo e a considerava como sintaxe pura, cabendo aos estudos lingüísticos a análise de formas e
- b) o **compromisso cognitivista** surgido nos anos 70 e que se firmaria como a tentativa de observar a língua como situada e essencialmente ligada à atividade humana e comandada pela realidade sócio-cultural.

Esse compromisso de caráter essencialmente funcional não admite a perspectiva vericondicional nem a idéia da autonomia da linguagem. Postula a noção já posta por Lakoff em outro trabalho de 1977 quando sugeria que não há nenhuma habilidade puramente lingüística. Isto obriga-nos a investigar como a experiência é construída e entra na língua, já que a língua não é uma simples estrutura descarnada.

Na realidade, o ‘pomo da discórdia’ dessas duas perspectivas é, de um lado, o pressuposto gerativista de que **a linguagem dispõe de meios finitos para criar infinitas séries de enunciados** e, de outro, a convicção cognitivista de que **a linguagem dispõe de meios não-finitos para criar todo tipo de enunciados**. Com isto se diz que no caso do cognitivismo, as habilidades comunicativas não são puramente lingüísticas, mas estão mescladas por outras habilidades. Postula-se que a linguagem não é autônoma nem independente de outras habilidades humanas, tais como o afeto, a sociabilidade e todas as formas de

DIJK (2000, 2002) com seus modelos mentais e suas análises cada vez mais refinadas sobre a **cognição social** e atualmente como novas propostas.

¹⁷ Embora totalmente supérflua a observação, convém que se diga com todas as letras que nenhum cognitivista trata problemas de consciente, inconsciente ou o desejo e outras coisas deste tipo como pertinentes a qualquer reflexão cognitivista. **Cognição e psicanálise nada têm em comum.**

sensação humana. Daí a necessidade de uma pragmática integrada e a impossibilidade de uma visão modularista da mente humana para explicar o fenômeno lingüístico.

O maior desafio neste contexto tem sua base precisamente na explanação da natureza humana e suas formas de agir lingüisticamente. Indagações do tipo: como foi que conseguimos ser o que somos e nos distanciamos de tal modo dos demais seres vivos? Qual o grau de participação da linguagem neste desenvolvimento? Em que se distinguem as heranças biológicas das heranças culturais e em que grau ambas contribuem para constituir o fenômeno tipicamente humano?

Segundo Michael Tomasello (1999:94), é muito comum invocar-se a linguagem como um distintivo específico do ser humano sob o ponto de vista genético na cognição humana. Contudo, a linguagem não surgiu do nada nem é uma simples mutação genética ou uma herança genética isolada da vida social dos humanos como parece acreditar Chomsky. Há que perceber o alcance do biológico com o cultural envolvendo neste o social e o histórico.

Podemos dizer com alguma razão que **somos seres cognitivos em um sentido muito diverso do que os demais seres vivos o são**. Dizer que um cão conhece o seu dono e que minha vizinha conhece o marido dela parece envolver uma gramática muito diversa do verbo *conhecer* nos dois casos, para ficar com uma idéia do velho Wittgenstein. Nossa capacidade cognitiva gera formas de conhecer típicas da espécie humana, mas não em virtude apenas de nossa condição biológica e sim de nossa forma de agir e interagir com os demais seres e com o próprio mundo.

Se analisarmos com um pouco mais de cuidado nossas ações diárias vamos notar que no geral **não pensamos com as coisas, mas as coisas**. Por isso mesmo podemos falar de muitas coisas mesmo em sua ausência. Usamos símbolos, mas temos ainda muitas dúvidas de como eles conseguem '**representar**' as coisas sobre as quais falam ou às quais remetem. Talvez não remetam nem falem delas e sim as constituam. Daí não ser a linguagem um sistema de representação, já que não é um espelho da realidade e isso terá ampla repercussão em todo o tratamento da *referência* e da *verdade*, exigindo novas teorias para esses dois tópicos centrais.

Usar símbolos, isto é, linguagem articulada, para falar sobre as coisas é falar na sua ausência, é dar-lhes outra forma de presença, o que reaviva a questão central de toda a reflexão ocidental, ou seja: **qual é a**

natureza da nossa relação com o mundo pela linguagem? Em outros termos isto reformula a velha **questão da verdade** que se acha estreitamente ligada tanto à linguagem como aos processos cognitivos. Esta não é uma indagação direta sobre a relação linguagem-mundo, mas sim como usamos a linguagem como forma de mediação e até constituição dessa relação. Uma resposta interessante seria: **trata-se de uma relação cognitiva**. Mas o que é isso e onde está? Na mente? E como está lá? Uma resposta a essa indagação não é pura especulação metafísica e sim uma investigação sobre quem somos e como somos. A questão é muito mais complexa do que imaginamos, pois não se trata de um problema restrito à definição de ser humano como tal.

Há cerca de dois milhões de anos, ou seja, quatro milhões de anos após o espetacular surgimento do australopiteco, surge o que se chama de *homo*. E há cerca de 200.000 anos inicia-se uma nova mudança com uma descendência de indivíduos designados *homo sapiens*, que a partir da África se espalharam pelo mundo, isolando-se nas mais recônditas regiões. Estes seres têm o cérebro bem maior que os anteriores, mas seu aspecto distintivo mais notável é o fato de iniciarem o desenvolvimento de uma série de aptidões cognitivas novas e exclusivas de sua espécie, como aponta Tomasello (1999:2). Criaram novos e variados instrumentos no geral adaptados à sua finalidade, o que demonstrava a capacidade de distinguir funções e objetivos. Passaram a usar símbolos para se comunicarem e organizarem a vida social, criando não apenas a linguagem simbólica, mas também a música, a arte, sistemas de troca monetária, a matemática e até mesmo a linguagem escrita. Iniciaram seu engajamento no domínio da natureza em geral e na produção de instituições que cuidavam da saúde e educação, inclusive com formas de religiosidade, de governo, mando e domínio de uns sobre os outros. No meu entender, poderíamos designar esta posição como a **hipótese da transmissão cultural** como base da evolução humana.

Para Tomasello, a transmissão cultural pode ser tida como um processo evolutivo comum que permite aos organismos individuais em menos tempo e com menor esforço explorar de maneira mais eficiente os comportamentos e conhecimentos dos conspecíficos. Contudo, a noção de **transmissão cultural** como fator evolutivo não é clara e pode manifestar-se de muitos modos. Assim, pode ter havido diferentes formas de exploração desse mecanismo geral. Importante nisso tudo não é apenas o invento, mas a criatividade no seu uso e sua transmissão social de geração em geração. Assim, ao lado da evolução cultural

cumulativa, temos o fator **engajamento social** como central para que o processo se estabilize e mantenha.

A questão crucial aqui é que estes tipos de aprendizado cultural só são possíveis na medida em que se tiver uma espécie de “cognição social” entendida como “a habilidade de organismos individuais entenderem seus conspecíficos como seres *como eles* que têm uma vida intencional e mental como eles próprios.” (Tomasello 1999:5) Este fato é essencial porque leva a que não se aprenda apenas nem principalmente **dos outros**, mas **através dos outros**, ou seja, por suas intenções ou ações intencionais que se revelam num sistema de representação constituído num sistema simbólico, em última análise, numa língua.

Quando a criança aprende uma língua e domina um sistema simbólico situado numa cultura, ela aprende também uma forma de perceber e construir suas experiências dentro daquele grupo (Tomasello 1999:9). Nem sempre dizemos as coisas tal como são, mas em geral como as construímos culturalmente. Esta não é uma propriedade da língua, mas uma de nossas formas culturais de agir com os símbolos em situações cognitivas específicas. Não são as línguas que têm essas propriedades mágicas, mas nós que atuamos cognitivamente no contexto de uma situação cultural e socialmente bem marcada.

O que acabo de enunciar é um dos aspectos mais interessantes e uma das perplexidades mais emocionantes no estudo dos processos sócio-cognitivos, pois estamos diante de um fenômeno com inúmeras formas de manifestação. Veja-se que a comunicação nesse nível sofisticasse de maneira incontrolável a ponto de elaborar metáforas, metonímias, associações, sem trazer o menor problema aos indivíduos, mesmo que nunca tenham ouvido esses elementos antes. É de se perguntar: de onde vem isso? Como a experiência pode ser tão facilmente transmitida e encorpada na língua?

A língua, enquanto sistema simbólico permite que se faça uso pleno das capacidades cognitivas e a criança consegue isso de maneira surpreendente muito cedo e com isso constrói inclusive uma teoria, mesmo que mínima, das formas de entendimento. Consegue não só usar como produzir metáforas e outras formas não “literais” de se expressar.

O diferencial característico entre humanos e não-humanos baseado na adaptação sócio-cognitiva não é, para Tomasello (p. 11), a “bala mágica” que esclarece tudo na ordem genética. Há por trás disso um tempo histórico e um tempo ontogenético que não é individual apenas, mas social e culturalmente partilhado pelo grupo. Por outro lado,

é certo que a adaptação biológica não é o caminho mais adequado para explicar como atuaram os processos de constituição da cognição humana atual, sendo que a espécie do *homo sapiens* se caracteriza essencialmente por seus produtos sócio-culturais.

Em suma, eu gostaria de dizer que a lingüística no século XXI deverá dar mais atenção aos processos cognitivos na perspectiva sócio-cognitiva, construindo no seu entrono toda a explicação tanto da gênese como do funcionamento e emprego da linguagem num procedimento não-instrumental, mas constitutivo do tipicamente humano.

Com efeito, o problema central não é o fato de o mundo estar ou ter uma ordem, mas **como** esta ordem é percebida, construída e interativamente comunicada e utilizada. A ordem de nossos conhecimentos e das instituições que os suportam não é uma ordem natural nem uma ordem mundana ou fenomênica. É uma ordem essencialmente cognitiva e semiotizada. A própria língua parece ser uma atividade de semiotização. E neste caso o próprio existir e os modos de existir são diferenciados.

Mesmo que não concordemos com todas as posições de Ray Jackendoff, o autor tenta esclarecer como a experiência humana é afetada pelo fato de falarmos e nos entendermos com uma língua em comum. É pela língua que temos acesso à História, à tecnologia produzida antes de nós, a todos os conhecimentos acumulados pelos antepassados e isso certamente é uma forma de afetar nossas experiências mediadas pelas experiências de outros. Além disso, podemos, pelo uso da linguagem, praticar ações conjuntas e coordenadas bem como ações diferenciadas de acordo com as situações. Mas sobretudo, podemos **pensar**. A questão central de Jackendoff é: “***O que a natureza humana deve possuir para que seja capaz de dar conta do fato de que todos possamos falar e entender uma língua?***” (1994:5)

Interessam-lhe **não as conseqüências** do fato de termos linguagem e sim os **pré-requisitos** que nos permitem ter uma linguagem. Do que precisamos para estar em condição de falar? Provavelmente, não é apenas o fato de termos um cérebro maior que os demais animais que nos torna tão astutos. O simples fato de um aparelho ficar maior não muda suas funções ou sua forma de ser. Precisa haver alguma mudança estrutural. E esta mudança vem de nossa capacidade cognitiva e de nossas formas de semiotização. E aqui está todo o pomo da discórdia: é esta capacidade cognitiva um conjunto de princípios inatos no estilo de

uma gramática universal, ou é um conjunto de habilidades que se desenvolvem na atividade sócio-cognitiva. Eis aí provavelmente as duas grandes vertentes dos estudos cognitivos futuramente: um **mentalismo** e um **sócio-cognitivismo**.

Embora aparentemente supérflua, gostaria de fazer aqui uma observação sistemática da relação entre a perspectiva formalista estruturalista saussuriana e a mentalista gerativista. Para a postura estruturalista e descritivista e em certo sentido a aquisição da linguagem é um fenômeno mecanicista que se dá por estímulos externos ao passo que para o gerativismo com sua visão formalista internalista não se trata de aquisição e sim de aprendizagem ou desenvolvimento, já que o aparato básico é inato.

5. Algumas perspectivas e vários desafios

O que se pode dizer com alguma segurança, a partir das observações feitas até aqui, é que se o século XX iniciou com um grande ideal de ciência e com uma reflexão sobre a busca dos fundamentos para a produção do conhecimento científico, o século XXI inicia marcado por uma indagação bem diferente e seu desmembramento deverá ser totalmente outro pelo que se afigura neste momento. O legado do século XX para este século é uma reflexão profunda na direção de novos fundamentos.

Outro aspecto central no legado do século XX foi a construção de um novo objeto de análise no caso da língua, pois se passou da estrutura para a função e da unidade sintática para a unidade textual. Também se foi da forma para o ato e assim por diante. A interação, o contexto, os sentidos e a cognição passam a ser centrais neste processo de construção do objeto e isso tem conseqüências importantes no novo formato do problema lingüístico.

A indagação sugere uma **agenda nitidamente sócio-cognitiva**, ou pelo menos cognitiva.¹⁸ Trata-se de dar conta de nossas formas de conhecer e da natureza do conhecimento. Trata-se de dar conta das formas de produção de sentido na relação interativa e no contexto

¹⁸ Gostaria de atenuar a idéia porque ao dizer que é “nitidamente *sócio-cognitiva*” estaria direcionando para uma determinada posição teórica, quando na realidade parece que há mais do que isto em jogo. É só uma questão de cautela, mas a posição pessoal seria aquela mesmo. Contudo, não poderia deixar de lembrar que na linha do que postula Margarida SALOMÃO (1999), trata-se de uma perspectiva extraordinariamente produtiva e neste sentido que me alinho a essa visão.

intersubjetivo. O legado que o século XX deixa a este novo século é precisamente este: **o que é conhecer?** Um tema tipicamente ocidental e que nos últimos quatro séculos foi escamoteado desde que se produziu, com início em Galileu Galilei, a febre pelo experimentalismo científico com os resultados que aí estão: muitos e interessantes, mas plenos de efeitos colaterais negativos. Deixou-se de pensar na saúde mental do paciente dando primazia à sua saúde física.

O quadro atual da Lingüística é multifacetado e extremamente subdividido. Faço aqui uma breve tentativa de delinear as grandes linhas gerais do que está no momento em andamento, sob o risco de severas críticas. Algumas expressões podem retratar as macro-tendências distribuídas.

- (a) **A origem da linguagem:** esta será uma questão que deverá ser retomada com alguma insistência e muitos são os trabalhos que no momento se realizam como na linha de Tomasello (1999) ou muito diversa como Lyle Jenkins (2000), entre outros. Não pode ser, no entanto uma revitalização dos estudos evolucionistas do século XVIII-XIX com uma visão antropomorfizante da linguagem.
- (b) **A atividade cognitiva:** acredito que a investigação, na lingüística pelo menos, dar-se-á na perspectiva sócio-cognitiva, talvez numa linha representada pelos trabalhos de Fauconnier (1997) ou Fauconnier & Turner (2002) ou na linha de Jackendoff (1994, 1997), particularmente na perspectiva apontada por Margarida Salomão (1999), entre muitos outros. Entre as questões centrais temos aqui: Que mecanismos cognitivos constituem as habilidades lingüísticas? Como é adquirido o conhecimento lingüístico? Que processos cognitivos determinam o uso lingüístico? De que natureza são nossas categorias e nossos conceitos? Como se constituem nossas estruturas conceituais? Qual o papel da experiência na construção conceitual? Que interações existem entre o sistema lingüístico e outros sistemas cognitivos? Que estruturas neuronais e processos subjazem à linguagem como sistema? Como se distribui o conhecimento e se constitui a cognição social? Em que medida o inconsciente pode ser tido como um componente da estrutura cognitiva?
- (c) **A interface sintaxe-semântica-discurso:** seria ingênuo negar a necessidade do estudo da estrutura, mas seria mais ingênuo

imaginar que ela possa ser trabalhada num limbo de realizações formais como se quis ver em alguns contextos teóricos. Daí imaginar que a tendência será um estudo de interfaces. O aspecto central aqui será sem dúvida a produção de sentido. É possível que uma Lingüística de Texto como a proposta por Robert de Beaugrande (1997) seja adequada a uma parte destes propósitos. Mas também seria possível um diálogo com as posições de teorias como a Análise Crítica do Discurso e também elementos da Análise de Discurso Francesa.

- (d) **A variação lingüística em todos os seus aspectos:** neste ponto deve-se ver mais do que a variação sociolingüística que pode evidenciar-se até mesmo como não sendo a mais relevante, embora importante e já merecedora de uma revisão. Cabem aqui as variações de gêneros textuais, modos de interação e outras.
- (e) **A interação social e a construção pública do mundo:** os processos interativos e a produção de conhecimento como uma atividade conjunta publicamente realizada, na perspectiva do que vem sendo trabalhado por Lorenza Mondada (1994) e na relação social entre os indivíduos.
- (f) **Linguagem, ética e pragmática:** um tópico amplamente esquecido e que hoje surge com enorme insistência como necessário, sobretudo tendo em vista toda a questão das relações interpessoais num mundo de negócios e interesses.
- (g) **O processo comunicativo nas novas tecnologias:** este mundo é novo e deverá oferecer interessantes desafios aos estudos lingüísticos deste século.
- (h) **Relações de poder, relações interculturais, construção de identidades:** estes são tópicos já instalados na Lingüística, mas com poucos resultados e carentes de ampla investigação.

As grandes perspectivas da Lingüística do século XXI constituem-se pela agenda a ser desenvolvida no contexto situado entre uma **sócio-pragmática** e uma **lingüística cognitiva** de natureza não mentalista nem biologizante. Trata-se, pois, de evitar todo tipo de fundamentalismo teórico, seja internalista ou externalista. Não se pode postular que tudo radica na experiência sócio-comunicativa nem que tudo radica na realidade biológico-mental. As atividades discursivas têm determinações que exorbitam ambos os aspectos citados. Basta lembrar o papel da História e do inconsciente para ver que ambos não estão

contemplados em nenhum desses modelos. Por um lado, deve-se providenciar uma resposta para toda a atividade lingüística em seus mais variados contextos sócio-culturais, históricos e planos ideológicos dentro da produção discursiva em todas as suas mais variadas formas de manifestação. Por outro lado, trata-se de dar uma resposta mais convincente ao problema já mais que milenar da construção simbólica da experiência humana representada pela linguagem. Ainda não sabemos como chegamos a dizer o que dizemos, seja sob o ponto de vista de como produzimos os sentidos ou como eles se organizam no sistema cognitivo.

Portanto, entre as perspectivas mais notáveis dos estudos lingüísticos no século XXI creio que vamos ter, ao que tudo indica, a **primazia da SÓCIO-semântica em detrimento do sintaticocentrismo** do século XX. Além disso, um **grande destaque para aspectos sócio-cognitivos em detrimento da típica visão mentalista da cognição**. Por fim, uma sensibilidade para aspectos históricos e culturais decisivos na compreensão da distribuição e circulação do conhecimento. E tudo isto conduzindo essencialmente a aspectos centrais de uma sócio-pragmática estreitamente relacionada com os processos cognitivos.

7. Para uma nova abertura

Um dos núcleos epistemológicos desta exposição foi a suposição de que a **língua(gem)** é, entre outros aspectos, um *contrato social* e uma *realidade cognitiva*, não podendo ser reduzida a um fenômeno natural, biológico e reificado como se devesse espelhar o mundo ou produzir réplicas de representações mentais. Tudo indica que para as atividades do dia-a-dia a linguagem seja muito mais do que um simples fenômeno mental e muito mais do que um simples sistema de designação do real exteriorizado. Como lembram Fauconnier & Turner (2002), o século XX foi o século da abordagem formal com a manipulação da significação pela análise sistemática da forma. Supondo que **identidade, integração e imaginação** sejam as três operações que se acham no coração de qualquer atividade de produção de sentido, como sugerem Fauconnier & Turner (2002), o século XXI tem como seu grande desafio pensar a **imaginação** como

um dos focos da criatividade humana¹⁹ e assim integrá-la nos estudos lingüísticos.

Malgré lui, retomemos, aqui, algumas observações de Chomsky, hoje significativas na constituição de novos rumos para a Lingüística do século XXI. Pois mesmo que critiquemos esse autor com alguma veemência, não se pode passar ao largo dele na inspiração. Sobretudo na caracterização de algumas coordenadas básicas e sua articulação. Assim, curiosamente, ao modo de um “*bumerangue*”, a identificação chomskiana do *paradoxo cognitivo*, no prefácio de sua obra “**O Conhecimento da Língua – Sua Natureza, Origem e Uso**”, permite sugerir rumos para a Lingüística frente às suas perplexidades, totalmente em contrário ao que faz o próprio Chomsky. Refiro-me aos dois problemas por ele colocados, ou sejam (1994:15):

- (a) como é possível saber tanto com tão poucas evidências? (esta questão ficou conhecida como o “*problema de Platão*”)
- (b) como é possível saber tão pouco com tantas evidências? (esta questão ficou conhecida como o “*problema de Orwell*”)

Quanto ao *problema de Platão*, não há dúvidas de que, como indivíduos, vivemos tão pouco tempo nesta Terra e vemos tão poucas coisas, como lembra Bertrand Russell citado por Chomsky, e assim mesmo chegamos a saber tanto. Neste caso, a “*pobreza do estímulo*” não chega a ser um limitador para os sistemas cognitivos que conseguem elaborar vastos conhecimentos e até partilhá-los com os demais humanos. O grande problema estaria na dificuldade de caracterizar em suas propriedades estes sistemas cognitivos que se desenvolvem nos indivíduos com tão limitada experiência e tanto conhecimento. Para Chomsky,

grande parte do interesse no estudo da linguagem reside no facto de tal estudo proporcionar uma abordagem do problema de Platão num domínio relativamente bem delimitado e aberto à análise e à investigação e, ao mesmo tempo, profundamente

¹⁹ Quanto a isto, nunca será demais insistir que a noção de *criatividade* tal como vista e definida por Chomsky à base do princípio da recursividade não passa de uma produção autômata, necessitando, para ser criatividade efetiva, de princípios de produção de sentido. Criativo é quem produz sentidos e não quem produz frases.

integrado na vida e no pensamento humanos (1994:16).

A linguagem seria, pois, um caso especial e típico do *problema de Platão*, já que com base num conjunto tão limitado de evidências fazemos e sabemos tanto.

Já o *problema de Orwell* exige que se explique por que se sabe tão pouco se a evidência acessível a cada um de nós é tão rica. Talvez neste caso entrem bloqueios de outra ordem ou de ordens variadas que impedem a compreensão correta dos fenômenos que se apresentam ao nosso olhar. Parece que o entorpecimento diante de tais problemas, como por exemplo, a dificuldade de reconhecer as mazelas de uma ditadura que em si porta tantas evidências e a adesão tão fácil aos regimes totalitários. O problema de Orwell é bem diferente do problema de Platão. Este – o problema de Platão - é uma questão cognitiva clara e o outro – o problema de Orwell - é uma questão política e institucional que Chomsky assim caracteriza:

O estudo do problema de Orwell é, pois, basicamente uma questão de reunião de evidências e exemplos para ilustrar aquilo que seria óbvio para um observador racional, mesmo que numa análise superficial, para se chegar á conclusão de que o poder e o privilégio funcionam tal como qualquer mente racional deveria esperar que funcionassem e para revelar os mecanismos que operam para produzir os resultados que observamos (p.18).

Mas os exemplos, os fatos, as evidências, mesmo que abundantes, são mal-interpretados e assimilados seja por influência dos poderes instituídos ou por interesses intervenientes e a visão se embota e o conhecimento é pequeno. Em suma, o problema de Orwell está na ordem do discurso e da ideologia.

Esta visão final é muito sintomática, pois o desafio maior para o século XXI está, a meu ver, precisamente na solução conjunta desses dois problemas e não creio que o *problema de Orwell* seja *menor* que o *problema de Platão*, mesmo para a Lingüística, caso se admita que a Lingüística tem em seu bojo também a questão social e discursiva como um dos problemas centrais. E aqui posso voltar com Bakhtin para dizer que o real problema para os seres humanos não é o *problema de Platão* e

sim o *problema de Orwell* cuja discussão, ironicamente, no momento está dando maior satisfação ao próprio Chomsky em suas andanças pelo mundo numa missão contra o imperialismo norte-americano.²⁰ Portanto, tudo indica que a perspectiva atual caminha na direção de consolidar a formação sócio-discursiva bakhtiniana.

Em suma, e concluindo, estou hoje firmemente convencido de que para a Lingüística, a agenda central nesta virada do milênio não é de natureza descritiva nem metodológica e sim **epistemológica** e que sua tarefa consiste em buscar formas de resolver a tensão entre o formal e o funcional, o cognitivo e o social, a imaginação e a empiria. O caminho da Lingüística está em compreender mais a fundo a própria natureza do problema a que ela vem se dedicando que é muito mais de natureza orwelliana do que platônica. A questão orwelliana aponta para a necessidade de pensar os problemas na tensão entre um interior e um exterior. Nossa tarefa consiste em pensar de maneira sistemática este conjunto de tensões numa tentativa clara de superar as dicotomias legadas pela tradição metafísica ocidental.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail (VOLÓSHINOV). [1929] 1979. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec.
- BEAUGRANDE, Robert de. 1997a. **New Foundations for a Science of Text and discourse**: Cognition, Communication, and the Freedom of Access to knowledge and Society. Norwood: Ablex.
- BLOOMFIELD, Leonard. 1933. **Language**. New York: H. Holt & Co.
- BOUQUET, Simon. 1997. **Introdução à Leitura de Saussure**. São Paulo: Cultrix.
- CHOMSKY, Noam. 2000. **New Horizons in the Study of Language and Mind**. Cambridge: Cambridge University Press.
- CHOMSKY, Noam. [1986]. 1994. **O Conhecimento da Língua: Sua Natureza, Origem e Uso**. Lisboa: Editora Caminho.
- FAUCONNIER, Gilles. 1997. **Mappings in Thought and Language**. Cambridge: Cambridge University Press.
- FAUCONNIER, Giller & Mark TURNER. 2002. **The Way We Think**. Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities. New York: Basic Books.
- JACKENDOFF, Ray. 1994. **Patterns in the Mind**. Language and Human Nature. New York: Basic Books.
- JACKENDOFF, Ray. 1997. **The Architecture of the Language Faculty**. Cambridge: Massachusetts, The MIT Press.
- JENKINS, Lyle. 2000. **Biolinguistics**. Exploring the Biology of Language. Cambridge: Cambridge University Press.

²⁰ Que ninguém duvide, pois Chomsky está em vias de se tornar um dos maiores analistas do discurso de nosso tempo.

- JOHNSON, Mark and George LAKOFF. 2002. Why cognitive linguistics requires embodied realism. **Cognitive Linguistics** 13-3(2002):245-263.
- LAKOFF, Georges. 1977. Linguistic gestalts. In: **Papers from the Thirteenth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society**. Chicago, Illinois., pp. 236-287
- LAKOFF, George. 1990. The Invariance Hypothesis: is abstract reason based on image-schema? **Cognitive Linguistics**, 1 -1(1990):39-74. Lakoff, 1997
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. 2000. **Quando a inferência é uma referência**. Conferência pronunciada no GEL (Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo), UNESP, em Assis-SP, maio de 2000.
- MEY, Mey. 1993. **Pragmatics: An Introduction**. Oxford/Cambridge:Blackwell.
- MEY, Jacob. 2001. **As vozes da Sociedade**. Seminários de Pragmática. Campinas: Mercado de Letras.
- MONDADA, Lorenza. 1994. **Verbalisation de L'Espace et Fabrication du Savoir: Approche linguistique de la construction des objets de discours**. Lausanne: Université de Lausanne.
- POSSENTI, Sírio. 1996. Pragmática e análise do discurso. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas, 30(1996):71-84
- RAKOVA, Marina. 2002. The philosophy of embodied realism: A high price to pay? **Cognitive Linguistics** 13-3(2002):215-244.
- SALOMÃO, Margarida. 1999. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Veredas**. Revista de Estudos Lingüísticos, Juiz de Fora, 4(1999):61-79.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 2004. **Escritos de Lingüística geral**. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler, com a colaboração de Antoinette Weil. São Paulo: Editora Cultrix.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1916. **Cours de Linguistique Générale**. Publicado por Charles BALLY e Albert SECHEHAYE, Lausanne-Paris: Payot.
- SCHWARTZ, Monika. 1992. **Einführung in die Kognitive Linguistik**. Tübingen: Franke.
- SINHA, Chris. 2002. The cost of renovating the property: A reply to Marina Rakova. **Cognitive Linguistics** 13-3(2002):271-276.
- TOMASELLO, Michael. 1999. **The Cultural Origins of Human Cognition**. Cambridge/ London: Harvard University Press.
- VAN DIJK, Teun A. 2000. **Cognitive Discourse Analysis**. An Introduction. University of Amsterdam Universitat Pompeu Fabra, Barcelona (mimeo)
- VAN DIJK, Teun A. 2002. **The discourse-knowledge interface**. In Gilbert Weiss & Ruth Wodak (Eds.). *Multidisciplinary CDA*. (In press).